

O CLÉRIGO E O LEIGO: AS DUAS FACES DA PERSONALIDADE DE SÃO BERNARDO

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira **

*“Eu sou como a quimera do meu século:
nem clérigo, nem leigo.”*

Resumo: A partir de reflexões sobre o que se diz de Bernardo de Claraval, santo, padre e doutor da Igreja, e do que nos seus sermões se detecta, busca-se comparar a imagem do santo com o éthos do pregador, observando-se os pontos de comunhão e de contradição. Consideram-se, também, as relações do pregador com o seu auditório no despertar de emoções (*pathós*), visando a comunhão dos espíritos. Conclui-se que Bernardo foi, deveras, o equilíbrio entre dois extremos pendulares entre os quais oscila o sentido da vida: a ação e a contemplação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado a um projeto de pesquisa sobre a argumentação em desenvolvimento na Universidade do Estado da Bahia, campus 1- Salvador e que inclui alunos de iniciação científica, cujo objetivo é desenvolver estudos sobre a argumentação em textos religiosos, especificamente a partir da obra de Bernardo de Claraval.

A partir de reflexões sobre o que se diz de Bernardo de Claraval, busca-se comparar a imagem do santo com o éthos do pregador, observando-se os pontos de comunhão e de contradição. Para tanto, consideram-se, também, as relações do pregador com o seu auditório no despertar de emoções (*pathós*), visando à comunhão dos espíritos.

O *corpus* escolhido para essa pesquisa são os sermões *In laudibus Virginis Matris*, escritos em torno de 1123 e considerados por Thomas Merton como uma das mais belas páginas saídas da pena de Bernardo. Utiliza-se a versão em latim constante da edição bilíngüe (latim/espanhol) das Obras Completas de São Bernardo editada pela BAC em 1983 e a sua respectiva tradução para a língua portuguesa, feita por Ary Pintarelli e editada por Vozes em 1999 sob o título *Sermões para as festas de Nossa Senhora*. Os sermões de Bernardo de Claraval, que escolhemos como *corpus* para esse trabalho, na verdade, não devem a nenhuma festa litúrgica e nunca foram pronunciados, mas apenas escritos. Colocar sobre a forma de homilia, com estilo oral, exortações morais e um ensinamento doutrinal com base no comentário do Evangelho de Lucas é um artifício literário, um exercício da argumentação.

** Doutora em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Salvador. Membro do Núcleo de Estudos em Análise de Discurso (NEAD/UCSal). jaciaraoliveira@oi.com.br

DESENVOLVIMENTO

Ao estudioso da educação e do pensamento medievais é impossível escapar à figura de Bernardo de Claraval, um homem que exerceu grande influência do ponto de vista político, cultural, religioso e literário na Idade Média, constituindo-se em um marco do século XII, acertadamente chamado “o século de São Bernardo”.

“San Bernardo es un santo: asi lo considero la mayor parte de sus contemporáneos, y fue proclamado como tal por un papa veintiun años después de su muerte. Quiere decir esto que todas sus obras fueron santas?” perguntava-se Leclerck (1990, p.13)

De que lugar nos fala Bernardo? Fala-nos com o poder da Igreja, na sua posição de Abade de Claraval, Padre e Doutor da Igreja⁶.

Bernardo, dizem, foi o “último dos Padres” mas, certamente, não menor que os primeiros. Além do título de “*Doctor Melifluus*” que recebeu do papa Pio VIII, em 1830, por causa da fluidez do seu estilo que “escorre como favo de mel”, mereceu também o de “Doutor Mariano”, os textos do século XII já o chamam “servidor e cantor, devoto da Virgem”.

E, de fato, entre outros aspectos, Bernardo é conhecido na história como poderoso homem político e eclesiástico, como pregador de cruzadas, reformador da Igreja, adversário das heresia, defensor dos hebreus, místico profundo, fiel devoto de Maria, asceta, escritor profundo e claro. (PINTARELLI, 1999, p.11)

[...] esse homem extraordinário se sobrepôs a todas as figuras representativas do século em que viveu; dominou a Idade Média inteira, e representa na história do Cristianismo e da humanidade um desses poucos pontos culminantes de onde se contempla tanto o tempo como a própria eternidade. (LIMA, 1958, p.11)

O ano 1000 fora marcado por uma epidemia de suicídios, em consequência da psicose do Fim de Mundo que se apoderara do ocidente. Passado o marco, sem que a catástrofe acontecesse, houve, na cristandade, como que um momento de estranho repouso e, foi durante ele, no fim do primeiro século do novo milênio (1090), que nasceu, no castelo de Fontaines, próximo a Dijon, na França, o primeiro dos grandes Santos que iam assinalar o esplendor medieval: São Bernardo, tão célebre na Igreja pela sua santidade e ciência como por suas obras.

Toda a sua atividade político-eclesial foi, sem dúvida, condicionada à situação histórica do momento, quando os povos europeus adquirem, pouco a pouco, sua fisionomia nacional. Do ponto de vista religioso, assiste-se à supremacia e à dominação da Igreja Católica da Europa. Porém, essa dominação não foi sem crises; doutrinas filosóficas ameaçaram, freqüentes vezes, a autoridade da Igreja. Bernardo investe com veemência contra aqueles que considera nocivos ao reino de Deus, chegando a participar de controvérsias doutrinais com o também monge Abelardo, controvérsias essas que nada mais eram do que a incompreensão de duas atitudes espirituais diferentes diante da maneira de compreender não só a Sagrada Escritura, como a vida

⁶ Convém lembrar que os conceitos de Padre e Doutor da Igreja são distintos. **Padres, Santos Padres ou Padres da Igreja** são os escritores da Igreja Católica considerados intérpretes autorizados da tradição cristã, qualificados por Antigüidade, santidade de vida (que não significa canonização), ortodoxia de doutrina e aprovação da Igreja; já o título de **Doutor da Igreja** é concedido a teólogos ou autores espirituais, cujo ensinamento é reconhecido como eminente.

e a fé. Os dois se enfrentam no concílio de *Sens*, em 1140, e Abelardo, que já havia sido condenado uma vez, recebeu nova condenação ratificada pelo papa.

De Claraval, ele expandia a sua luz sobre toda a cristandade. Sem confundir contemplação com acomodação, Bernardo foi, de veras, o equilíbrio entre os dois extremos pendulares entre os quais oscila o sentido da vida, como há vinte e cinco séculos o viu Aristóteles: a ação e a contemplação, também expressas na regra beneditina *ora et labora*

[...]. a doutrina espiritual de São Bernardo foi precisamente uma admirável tentativa de mostrar como a vida contemplativa e a vida ativa, longe de se oporem uma à outra, eram apenas duas faces da mesma verdade, os dois aspectos do mesmo ideal de perfeição a que devemos procurar atingir. Marta e Maria longe de se contradizerem, são irmãs, tanto no relato evangélico como no sentido figurado. (LIMA, 1958, p.9).

Não obstante monge, voltado para a meditação e o recolhimento, Bernardo, ultrapassando o plano espiritual, penetra no âmbito político e participa ativamente das controvérsias de sua época. Com traços muitas vezes antagônicos, Bernardo é por muitos censurado. Bernardo possuía um alto grau de agressividade e não busca nem negar nem suprimir suas tendências espontâneas, tenta, ao contrário, controlá-las e colocá-las a serviço de suas causas. Mas não triunfa sempre. Chega a mostrar-se dominador, possessivo, irônico até ao sarcasmo, diz Lausana (1980, p.7). Sabe lançar mão de todos os recursos para fazer valer o seu parecer. Exagera, para apresentar um caso de modo que favoreça mais a sua opinião. É capaz de contradizer-se a respeito de um mesmo assunto, porém, quando sente que se comporta muito humanamente, verifica suas intenções, e as retifica.

Segundo Leclerck (1990) Bernardo é um desses grandes homens sobre os quais é difícil escrever sem animosidade ou sem admiração; em uma palavra: sem paixão. Porque ele é muito santo e muito homem. Ao mesmo tempo nos desconcerta e nos humilha, nos entusiasma e nos irrita. Agrada-nos vê-lo humano e muito humano; porém nos dói encontrar-lhe algumas vezes tão humano e em outras circunstâncias tão santo. Conseguiu a síntese destas contradições. E nós será que podemos alcançá-las?

Inestimáveis foram os serviços que Bernardo prestou à causa da Igreja: percorreu quase toda a Europa em missão de pacificador e mediador. Em 1133, por exemplo, iniciou uma longa viagem pela Itália, sendo mediador entre Pisa e Gênova, chegando, depois, até Roma, para a coroação imperial de Lotário II. Em 1145, quando era Papa Eugênio III, fez uma viagem de pregação contra os hereges em *Bordéus, Tolosa e Albi*.

Foi mediador entre o rei Luis VI, o Grande, e o Bispo de Paris. Em 1129 e 1130, foi o pacificador entre o mesmo rei e o Arcebispo de *Sens*. Atacou Abelardo, no concílio de *Sens* e fez condenar Gilberto de la Porrée no concílio de *Reims*. Participou da disputa entre Anacleto I e Inocêncio II, sobre a atribuição legítima do trono pontifício em 1130, colocando-se ao lado de Inocêncio, convencendo Luis VI e os bispos franceses a apoiar seu candidato. Interveio na nomeação e pregou uma cruzada à Terra Santa.

Bernardo pregou a segunda cruzada, inspirou a fundação da Ordem dos templários, fez condenar Abelardo no sínodo de 1140, foi um persistente perseguidor de heresias por palavras e obras, era eloquente pregador, conhecido por seu rigor ascético e, na *De consideratione*, dedicada a Eugênio III, condenou as ambições políticas do papado. (SANTANA NETO, 1997, p.20)

Em 1145, Eugênio III, que já fora monge de Claraval, foi eleito Papa e o mosteiro de Claraval tornou-se o centro das decisões eclesiais e políticas. “Tanto que abertamente se dizia que o verdadeiro Papa era Bernardo” (PINTARELLI, 1999, p.14). Foi, portanto, Bernardo uma das personalidades mais influentes da Idade Média:

Bernardo é um místico sequioso de contemplação e ascese, mas a vida o obriga a correr mundo, a arbitrar querelas de poderosos senhores, a assegurar a defesa da Igreja contra o cisma, contra a heresia, contra os infiéis. Sente-se abrasado de amor, de amor por Cristo e de amor pelos homens em Cristo mas é duro, inflexível, implacável até, quando a Igreja está ameaçada. Humilde monge dará ordem aos papas, homem de paz exortará a guerra.

A tentação do poder não lhe abandonará jamais. Assim, sua conduta não parece concordar às vezes com sua doutrina.

A sua capacidade de convencer e até de seduzir, lhe outorgava no âmbito do governo possibilidades sem limites.

Segundo Leclerck (1990), Bernardo não é um autor piedoso que recorre ao sentimento para fazer exortações fáceis e frágeis.

“Como es su costumbre, comieza citando la Bíblia: se oculta trás lãs palabras inspiradas Y se pone al resguardo de la autoridad bíblica” (LECLERCK, 19909, p. 134)

De 1130 a 1137 a Igreja é agitada pela eleição do anti-papa Anacleto II que vem opor-se a Inocêncio II, dividindo a Igreja. Bernardo é a alma da luta: conquista, para a causa de Inocêncio, príncipes, reis e o próprio imperador. Arbitra conflitos, interessa até os que antes se mostravam indiferentes, mobiliza exércitos e só tem descanso quando o ursupador morre.

Faz condenar em Sens a Abelardo, cujas ousadias teológicas lhe parecem perigosas. Persegue Abelardo, persegue Arnaldo de Brescia, discípulo de Abelardo; manifesta-se contra Gilbert de la Porrée.

Esse personagem antagônico, ao mesmo tempo Santo, tendendo a abnegação e pregando a humildade e extremamente humano buscando resolver as contradições do seu século.

Por causa da fluidez do seu discurso foi consagrado *Doctor Melifluus* e *Doctor Marianus* por sua devoção a Maria. Bernardo foi explicitamente e com sucesso, nos diz Oliveira (2004, p 35), um grande mestre espiritual, pois não se limitou ao testemunho silencioso, mas falou, pregou, escreveu. Os sermões constituem quase a metade da sua obra. Não obstante monge, voltado para a meditação e o recolhimento, Bernardo ultrapassando o plano espiritual, penetra no âmbito político e participa ativamente das controvérsias de sua época. Com traços muito antagônicos, Bernardo é muitas vezes censurado; chega até a mostrar-se dominador.

Sabemos que o discurso religioso é, por si só, um discurso autoritário: comenta e/ou desenvolve verdades inquestionáveis cujo locutor único é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e Todo-Poderoso. Os homens, pregadores, são os seus locutores interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos. Desse modo, a voz do padre, do pregador ou qualquer representante seu é a voz de Deus. Bernardo aparece, pois, como “um

porta-voz autorizado”. Ele só pode agir sobre seu auditório pelas palavras porque sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo de quem ele é o superior e do qual ele é o fiel representante e intercessor diante de Deus. Esse porta-voz autorizado é, portanto, aquele que “fala” ao grupo, cuja perfeição é preciso que ele busque.

Nos sermões de Bernardo, o recurso à autoridade está latente, não só pelas próprias características inerentes ao texto religioso como também pela intertextualidade com a Bíblia. O padre transfere continuamente, nesses sermões, imagens afloradas no Evangelho para a figura de Maria e de sua missão no mistério da encarnação. Desse modo, as inúmeras citações que Bernardo faz dos livros da Bíblia e as incontáveis comparações com seus evangelistas reforçam e ratificam, sem dúvida, a imagem de um pregador que conhece a palavra de Deus.

Bernardo, esse hombre tan rico en dones naturales, y esse humanista adornado com los talentos Del arte de persuadir y el don de gentes, poseia unas temibles aptitudes para el poder. (LECLERCK, 1990 p. 158)

CONCLUSÕES

As análises mostraram que Bernardo de Claraval construiu um éthos que oscilava entre o devoto cheio de fé em Deus e na Virgem Maria e o pregador convicto e preparado, que exerce sobre seu auditório uma certa dominação.

Bernardo com seus sermões soube retomar, argumentar e repropor tudo o que a tradição patrística havia ensinado. Para tanto, o pregador constrói, para seu auditório, a imagem do homem devoto, cheio de fé, contemplativo, mas também estudioso, conhecedor da palavra de Deus. Conclui-se, portanto, que Bernardo foi, de fato, o equilíbrio entre dois extremos pendulares entre os quais oscila o sentido da vida: a ação e a contemplação e a imagem de si que ele passa no seu discurso (éthos), embora muitas vezes contradizendo a sua atuação real, concilia-se com o phátos conseguindo criar entre o orador e seu auditório uma relação de cumplicidade.

Enfim, o espírito contraditório e antagônico de Bernardo pode ser definida por suas próprias palavras: “Eu sou como a quimera do meu século: nem clérigo nem leigo.”

REFERENCIAS

1. BERNARD DE CLAIRVAUX. **A la louange de la Vierge Mère**. Sources Chrétiennes n. 0390. Introduction traduction et index par Marie-Imelda Huille; Joel Regnard. Paris : Du Cerf, 1993.
2. BERNARDO DE CLARAVAL, (São). **Sermões para as festas de Nossa Senhora**. Introdução tradução e notas de Frey Ary Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LIMA, Alceu Amoroso. Introdução. In: MERTON, Thomas. **Bernardo de Claraval: o último dos padres da igreja e a encíclica “Doctor Melifluus”**. Petrópolis: Vozes, 1958.
3. MERTON, Thomas. **Bernardo de Claraval: o último dos padres da Igreja e a encíclica “Doctor Melifluus”**. Petrópolis: Vozes, 1958.

4. OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. **Bernardo e Maria: autoridade, argumentação e fé.** Trabalho apresentado em Mesa Redonda no II seminário de pesquisa em análise do Discurso Vitória da Conquista, 2005.
5. OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. **Enlaces e desenlaces entre participios e gerúndios.** 2004. TESE (Doutorado em Letras e Lingüística) Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia: Salvador.
6. PERELMAN, Chaïm. **O império retórico: retórica e argumentação.** Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Lisboa: Asa, 1999.